
Os Lusíadas, de Luís de Camões – Canto IV, est. 84-93

› Despedidas em Belém

- 84 E já no porto da ínclita Ulisseia,
Cum alvoroço nobre e *cum* desejo
(Onde o licor *mestura* e branca areia
Co salgado Neptuno o doce Tejo)
As naus prestes estão; e não refreia
Temor nenhum o juvenil despejo¹,
Porque a gente marítima e a de Marte²
Estão *pera* seguir-me a toda parte.
- 85 Pelas praias vestidos os soldados
De várias cores *vem* e várias artes,
E não menos de esforço aparelhados³
Pera buscar do mundo novas partes.
Nas fortes naus os ventos sossegados
Ondeiam os aéreos estandartes.
Elas⁴ prometem, vendo os mares largos,
De ser no Olimpo estrelas⁵, como a de Argos.
- 86 *Depois* de aparelhados, desta sorte,
De quanto tal viagem pede e manda,
Aparelhámos a alma *pera* a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Pera o sumo Poder, que a etérea Corte
Sustenta só co a vista veneranda,
Implorámos favor que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse⁶.

¹ decisão

² os guerreiros

³ prontos

⁴ as naus

⁵ imortais

⁶ auxiliasse

- 87 Partimo-nos *assi* do santo templo
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, *pera* exemplo,
Donde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Rei, que, se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.
- 88 A gente da cidade, aquele dia,
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria,
Saudosos na vista e descontentes.
E nós, *co* a virtuosa companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissão solene, a Deus orando,
Pera os batéis viemos caminhando.
- 89 Em tão longo caminho e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam,
As mulheres *cum* choro *piadoso*,
Os homens com suspiros que arrancavam.
Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia⁷, *acrecentavam*
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.
- 90 Qual vai dizendo: "Ó filho, a quem eu tinha
Só *pera* refrigério e doce *emparo*⁸
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará, penoso e amaro,
Porque me deixas, mísera e mesquinha?
Porque de *mi* te vas, ó filho caro,
A fazer o funéreo enterramento
Onde sejas de *pexas* mantimento?"

⁷ receia

⁸ conforto

- 91 Qual em cabelo: "Ó doce e amado esposo,
Sem quem não quis Amor que viver possa,
Porque *is* aventurar ao mar iroso
Essa vida que é minha e não é vossa?
Como, por um caminho duvidoso,
Vos esquece a afeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento,
Quereis que com as velas leve o vento?"
- 92 Nestas e outras palavras que diziam,
De amor e de *piadosa* humanidade,
Os velhos e os *mininos* as seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quase⁹ movidos de alta piedade;
A branca areia as lágrimas banhavam,
Que em multidão *co* elas se igualavam.
- 93 Nós outros, sem a vista alevantarmos
Nem a Mãe, nem a Esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado,
Determinei de *assi* nos embarcarmos,
Sem o despedimento¹⁰ costumado,
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

CAMÕES, Luís de – *Os Lusíadas*. 12.ª ed. Porto: Porto Editora, 2012. 978-972-0-04956-8. pp. 118-120.

⁹ como se

¹⁰ despedida